

## 3º DOMINGO DA QUARESMA - ANO B

A liturgia do 3º Domingo da Quaresma dá-nos conta da eterna preocupação de Deus em conduzir os homens ao encontro da vida nova. Nesse sentido, a Palavra de Deus que nos é proposta apresenta sugestões diversas de conversão e de renovação.

Na primeira leitura, Deus oferece-nos um conjunto de indicações (“mandamentos”) que devem balizar a nossa caminhada pela vida. São indicações que dizem respeito às duas dimensões fundamentais da nossa existência: a nossa relação com Deus e a nossa relação com os irmãos.

Na segunda leitura, o apóstolo Paulo sugere-nos uma conversão à lógica de Deus. É preciso que descubramos que a salvação, a vida plena, a felicidade sem fim não está numa lógica de poder, de autoridade, de riqueza, de importância, mas está na lógica da cruz – isto é, no amor total, no dom da vida até às últimas conseqüências, no serviço simples e humilde aos irmãos.

No Evangelho, Jesus apresenta-Se como o “Novo Templo” onde Deus Se revela aos homens e lhes oferece o seu amor. Convida-nos a olhar para Jesus e a descobrir nas suas indicações, no seu anúncio, no seu “Evangelho” essa proposta de vida nova que Deus nos quer apresentar, assim como o verdadeiro culto que lhe devemos prestar.

Qual é o verdadeiro culto que Deus espera? Evidentemente, não são os ritos solenes e pomposos, mas vazios, estéreis e balofos. O culto que Deus aprecia é uma vida vivida na escuta das suas propostas e traduzida em gestos concretos de doação, de entrega, de serviço simples e humilde aos irmãos. Quando somos capazes de sair do nosso comodismo e da nossa auto-suficiência para ir ao encontro do pobre, do marginalizado, do estrangeiro, do doente, estamos a dar a resposta “litúrgica” adequada ao amor e à generosidade de Deus para conosco.

(Dehonianos)

## CAMINHO PAROQUIAL DA QUARESMA

### 3ª SEMANA

#### Tema

“Tirai” tudo isto daqui;  
não façais da casa de meu Pai casa de comércio.

#### Desafio:

DURANTE A SEMANA  
VOU LIMPAR O CORAÇÃO  
DE TODOS OS MAUS SENTIMENTOS  
E MALDADE



## OS TRÊS PILARES DA QUARESMA

### “O JEJUM”

Continuando a nossa reflexão sobre os três pilares da Quaresma, ou as três boas obras do cristão: “A Oração, o Jejum e a Escola”. Três dimensões fundamentais da vida cristã para termos uma espiritualidade sã e equilibrada. Nos dois últimos números da folha Paroquial, refletimos sobre a Oração, neste número iremos refletir sobre o outro pilar da Quaresma que é o JEJUM.

Quando se fala de Jejum, ascese, renúncia, austeridade, é algo que se refere a sacrifício, e por isso implica um esforço da vontade para o fazer. A cultura de hoje é mesmo de rejeitar o que custa sacrifício e de buscar tudo aquilo que é mais fácil, que dá satisfação imediata. A sociedade consumista em que vivemos procura oferecer tudo aquilo que satisfaz os desejos instintivos do homem, por isso quer excluir tudo aquilo que é difícil, que exige sacrifício e que custa esforço, por isso o Jejum ou a renúncia não é algo que atraia, bem pelo contrário.

O Evangelho propõe aquilo que é contrário à cultura do mundo, propondo a renúncia, o sacrifício e a cruz como condição para sermos discípulos de Jesus. *“Se alguém quiser vir comigo, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. (Mt. 16,24) “qualquer de vós, que não renunciar a tudo o que possui, não pode ser meu discípulo.” (Lc. 14,33) “Quem quiser salvar a sua vida, vai perdê-la” (Mt. 16,25).* Nestes textos podemos ver como Jesus é categórico em pôr as condições para ser Seus discípulos. Neste sentido a prática do Jejum é uma atitude concreta de renúncia, para segui-Lo. A proposta que Jesus faz sobre o Jejum não é no sentido de respeitar uma norma, que vem da lei, um preceito a cumprir como obrigação, como o era no antigo testamento, onde o Jejum se tinha tornado um preceito legal e moral, deixando de ter uma atitude espiritual. Foi por isto que Jesus não praticou tal Jejum e também não o propôs aos Apóstolos. Ele foi criticado por isso quando lhe perguntaram: *“Porque é que nós e os fariseus jejuamos e os teus discípulos não jejuam? Jesus respondeu-lhes: Porventura podem os convidados para as núpcias estar tristes enquanto o esposo está com eles? Porém, não de vir dias em que lhes será tirado o esposo e, então, não de jejuar” (Mt. 9,14-15)* A resposta de Jesus é entendida no sentido de que não é aquela maneira de Jejum que é feito por obrigação, mais para cumprir um preceito da lei e não fazendo mudar nada na pessoa que o praticava.

Jesus, na sua resposta, dá o exemplo das “núpcias” e do “esposo”, para exprimir que o Jejum deve partir de uma atitude de amor, como numa relação esponsal. Por isso diz que virá o dia em que jejuarão, não só para cumprir um preceito, mas movidos por uma atitude de amor. Os discípulos de Jesus também jejuaram, mas com outra atitude de resposta ao amor do esposo. Por isso o Jejum cristão só tem sentido numa relação de Amor. Renuncio a alguma coisa que me custa, como expressão de amor, para com a pessoa amada. Entendemos o que isto significa nas nossas relações. Quando amamos verdadeiramente uma pessoa, estamos dispostos a fazer qualquer sacrifício por ela. O Jejum feito por amor, não nos custa, não sentimos o peso da renúncia, porque somos motivados pelo amor para com Deus.

É nesta ótica que devemos colocar o sentido do Jejum ou renúncia quaresmal e não como um preceito ou uma obrigação proposta pela Igreja. Se a minha vida cristã for pautada na ótica do amor a Deus e aos irmãos, o Jejum torna-se um ato de amor que eu pratico livremente, para demonstrar que Ele merece o meu sacrifício, porque Ele me amou primeiro. As minhas renúncias são expressão de gratidão e de amor a Alguém que primeiro deu a vida por mim, oferecendo-Se no sacrifício da Cruz. As minhas renúncias nunca irão ser suficientes para retribuir tudo aquilo que Ele fez por mim.

Pe. Manuel Oliveira



## Março, mês de São José

A Igreja sempre venerou São José. Com muita honra e confiança, ela nos recomenda à sua intercessão. É por isso que, no seu dia, 19 de Março, a Igreja interrompe a Quaresma, o sacerdote troca os paramentos roxos pelo branco, para celebrar o grande santo. São José permaneceu no silêncio e na mais profunda discrição para não interferir na missão de Jesus, mas Deus quis que muitos Santos, Padres e Papas pudessem vislumbrar toda a sua grandeza e glória.



Santo Afonso de Ligório (+1787), doutor da Igreja, garantia que todo o dom ou privilégio que Deus concedeu a outro santo também o fez a São José. São Francisco de Sales, doutor da Igreja, diz que **"São José ultrapassou, na pureza, os anjos da mais alta hierarquia"**. São Jerónimo, doutor da Igreja, diz que **"José mereceu o nome de «Justo.»», porque possuía, de modo perfeito, todas as virtudes"**.

### O mais santo de todos os homens.

Se São José foi escolhido por Deus para esposo da Virgem Maria, a mais santa de todas as mulheres, é porque ele era o mais santo de todos os homens. Se houvesse alguém mais santo que José, certamente seria esse o escolhido por Jesus para esposo de Sua Mãe, Maria. Nós não pudemos escolher o nosso pai nem a nossa mãe, mas Jesus pôde; então, escolheu os melhores que existiam.

É eloquente o testemunho de Santa Teresa de Ávila (+1582), doutora da Igreja, devotíssima de São José. No "Livro da Vida", sua autobiografia, ela escreveu: **"Tomei por advogado e senhor o glorioso São José e muito me encomendei a ele. Claramente, vi que dessa necessidade, como de outras maiores referentes à honra e à perda da alma, esse pai e senhor meu salvou-me com maior lucro do que eu lhe sabia pedir. Não me recordo de lhe haver, até agora, suplicado graça que tenha deixado de obter. Coisa admirável são os grandes favores que Deus me tem feito por intermédio desse bem-aventurado santo, e os perigos de que me tem livrado, tanto do corpo como da alma. A outros santos parece o Senhor ter dado graça para socorrer numa determinada necessidade. Ao glorioso São José tenho experiência de que socorre em todas.**

***O Senhor quer dar a entender com isso que, assim como lhe foi submisso na terra, onde São José, como pai adoptivo, lhe podia dar ordens, assim no céu atende a todos os seus pedidos. Por experiência, o mesmo viram outras pessoas a quem eu aconselhava encomendar-se a ele. A todos quisera persuadir que fossem devotos desse glorioso santo, pela experiência que tenho de quantos bens alcança de Deus. De alguns anos para cá, no dia de sua festa, sempre lhe peço algum favor especial. Nunca deixei de ser atendida"***.

São José intercede e cuida da Igreja sem cessar, assim como, na Terra, velava sem descuidar do Filho de Deus a ele confiado. Recomendemo-nos todos a ele, todos os dias.

Felipe Aquino

## **"Com coração de Pai" da Carta Apostólica Papa Francisco dedicado a S. José**

### 2. Pai na ternura

Dia após dia, José via Jesus crescer «em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e dos homens» (Lc 2, 52). Como o Senhor fez com Israel, assim ele ensinou Jesus a andar, segurando-O pela mão: era para Ele como o pai que levanta o filho contra o seu rosto, inclinava-se para Ele a fim de Lhe dar de comer (cf. Os 11, 3-4). Jesus viu a ternura de Deus em José: «Como um pai se compadece dos filhos, assim o Senhor Se compadece dos que O temem» (Sal 103, 13). Com certeza, José terá ouvido ressoar na sinagoga, durante a oração dos Salmos, que o Deus de Israel é um Deus de ternura,<sup>[11]</sup> que é bom para com todos e «a sua ternura repassa todas as suas obras» (Sal 145, 9).

A história da salvação realiza-se, «na esperança para além do que se podia esperar» (Rm 4, 18), através das nossas fraquezas. Muitas vezes pensamos que Deus conta apenas com a nossa parte boa e vitoriosa, quando, na verdade, a maior parte dos seus desígnios se cumpre através e apesar da nossa fraqueza. Isto mesmo permite a São Paulo dizer: «Para que não me enchesse de orgulho, foi-me dado um espinho na carne, um anjo de Satanás, para me ferir, a fim de que não me orgulhasse. A esse respeito, três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim. Mas Ele respondeu-me: "Basta-te a minha graça, porque a força manifesta-se na fraqueza"» (2 Cor 12, 7-9).

Se esta é a perspectiva da economia da salvação, devemos aprender a aceitar, com profunda ternura, a nossa fraqueza.

(... Continuação)

O Maligno faz-nos olhar para a nossa fragilidade com um juízo negativo, ao passo que o Espírito a traz à luz com ternura. A ternura é a melhor forma para tocar o que há de frágil em nós. Muitas vezes o dedo em riste e o juízo que fazemos a respeito dos outros são sinal da incapacidade de acolher dentro de nós mesmos a nossa própria fraqueza, a nossa fragilidade. Só a ternura nos salvará da obra do Acusador (cf. Ap 12, 10). Por isso, é importante encontrar a Misericórdia de Deus, especialmente no sacramento da Reconciliação, fazendo uma experiência de verdade e ternura. Paradoxalmente, também o Maligno pode dizer-nos a verdade, mas, se o faz, é para nos condenar. Entretanto nós sabemos que a Verdade vinda de Deus não nos condena, mas acolhe-nos, abraça-nos, ampara-nos, perdoa-nos. A Verdade apresenta-se-nos sempre como o Pai misericordioso da parábola (cf. Lc 15, 11-32): vem ao nosso encontro, devolve-nos a dignidade, levanta-nos, ordena uma festa para nós, dando como motivo que «este meu filho estava morto e reviveu, estava perdido e foi encontrado» (Lc 15, 24).

A vontade de Deus, a sua história e o seu projeto passam também através da angústia de José. Assim ele ensina-nos que ter fé em Deus inclui também acreditar que Ele pode intervir inclusive através dos nossos medos, das nossas fragilidades, da nossa fraqueza. E ensina-nos que, no meio das tempestades da vida, não devemos ter medo de deixar a Deus o timão da nossa barca. Por vezes queremos controlar tudo, mas o olhar d'Ele vê sempre mais longe.



*(Continua na próxima folha)*